

APARÊNCIAS^{1*}

Marcus André Vieira^{2**}

Referência:

Vieira, M. A. Aparências. *Latusa*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 13 p. 19-30, 2008.



Agradeço o convite, pois é um prazer participar desta mesa. Vou recorrer a uma conexão entre o tema deste *Colóquio sobre o Semblante* e o tema do XVII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano *Sintoma e a Felicidade: efeitos terapêuticos e algo mais* e buscar uma aproximação entre sintoma e aparência.³

É bom lembrar o valor de tematizarmos os semblantes. Plurais e bem concretos, impedem que pensemos o esforço de formalização lacaniana como a ambição de soletrar o real, de encontrar os determinantes invisíveis que nos norteariam. Nesse sentido, em seu Seminário 18, imediatamente após ter feito reluzir a máquina simbólica e postulado a estrutura dos discursos, para evitar o risco de que seus esquemas e matemas fossem tomados como “A” escrita do real, Lacan introduz o semblante e se pergunta se haveria um discurso que não seria de semblante. Adverte-nos que o discurso é um artefato, um agenciamento de semblantes e que seu real não está escrito, nem mesmo nos matemas. Afirma reiteradamente ao longo do *Seminário 18* que seus grafos e esquemas não funcionam por si só. Tentando evitar a propagação do aprendizado de seus esquemas desvinculados da experiência que os forjou, ele insiste que, sem sua saliva, sem o gozo que os inscreveu, seus esquemas não veiculam o real da psicanálise.⁴

1. Não há

Partamos do “não há”. Somos partidários do discurso do *não há*. Sabemos, com Lacan, que não faltam relações, mas falta a proporção, a medida – biológica, por exemplo – que estabeleça uma complementaridade ou simetria prévia entre homens e mulheres. Isso posto, existem montagens que tentam construir pontos sobre essa lacuna real. Exemplifico com uma estória, que me contaram há algum tempo, sobre uma grande moda no Japão envolvendo um celular muito especial. Seus portadores introduziam uma enorme quantidade de dados pessoais, tais como a cor, o time preferido, o bairro em que moram. Então, quando dois celulares afins se encontravam no metrô ou no ônibus, por exemplo, eles tocavam um mesmo sinal que indicava: *tenho alguma coisa a ver com você*. Isso deu em muitos casamentos.

Porque sorrimos? Porque sabemos que *não há*, o que nos dá a força de um olhar irônico para montagens como essa. Existe em nós um distanciamento quando encontramos esse tipo de ficção, que é do mesmo gênero que aquelas sustentadas pela ciência atual. Nesse sentido, escrevi sobre os ferormônios a partir de um experimento científico no qual buscava-se demonstrar que os ferormônios causam atração sexual.⁵ Mulheres cheiravam camisetas que alguns homens tinham vestido para dormir durante várias noites. Verificou-se que as mulheres preferiam os cheiros

^{1*} Apresentado no *Colóquio sobre o semblante: A comédia dos sexos no século XXI* da EBP-Rio, na Mesa de abertura, Rio de Janeiro, 05 de julho de 2008.

^{2**} AME, Analista Membro da Escola Brasileira de Psicanálise (EBP) e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP).

³ Uma das possíveis traduções do termo *semblant*, usado por Lacan. Não busco estabelecer nenhuma distinção entre os termos “semblante” e “aparência”, apenas explorar ambos os campos semânticos em português recobertos por seu correspondente francês.

⁴ Há aqueles que pretendem me comentar partindo dos grafos. Estão errados, os grafos só são compreensíveis em função dos efeitos de estilo, que são de alguma forma, os degraus de acesso aos grafos, aos *Escritos* Lacan. J. *D'un discours qui ne serait pas du semblant*, op. cit., p. 62.

⁵ Cf. Vieira, M. A. “Sexo cortês”, *Clique* n. 2, 2003.

correlacionados às proteínas de histocompatibilidade que lhes faltavam, o que podemos traduzir como: excitamo-nos com aqueles que têm sistemas imunológicos complementares, melhor ainda, quem tem cheiro parecido se encontra. Trata-se do mesmo com a estória do celular: uma série de montagens de aparências e de sentidos define a relação.

2. Só há

O segundo ponto é: se *não há*, então *só há*. A partir desses encontros do metrô pessoas se casam, filhos nascem, coisas acontecem no real. O mercado lança a cada dia novas drogas, daqui a pouco a ciência vai oferecer um *ferormonex* para que se possa ter um filho com um cheiro pré-definido. Sabemos que os semblantes fazem coisas, não são apenas ilusões, as aparências não só enganam. Se *não há* e as aparências não enganam, tende-se a acreditar que *só há* caminho para o real a partir das aparências, visto que *só há* aparências e nada mais. Quando não há relação, os semblantes são promovidos. Será? Vamos acompanhar o que propõe Lacan, no *Seminário 18*:

Fazer-se homem... Tudo o atesta inclusive as referências usuais aos comportamentos sexuais nos mamíferos superiores [...] que mostram o caráter essencial, na relação sexual, de algo que nada tem a ver com o nível celular, cromossômico ou não, ou com um nível orgânico, mas sim de algo propriamente etológico que é o nível da aparência [...]. Com certeza o comportamento sexual humano consiste em uma determinada conservação dessa aparência animal.⁶

Tendemos a pensar que a civilização é o império das aparências, mas para Lacan é o contrário. A relação sexual humana se dá por meio de aparências, tal como é o caso dos animais. O interessante é que ele não degrada o homem aproximando-o do animal, ao contrário, o animal é promovido por uma aproximação com o homem. Os animais não se relacionam apenas por organicidade, por genética, eles se orientam, se relacionam, por aparências. Eles podem ser enganados, podem aprender etc. Nesse sentido, se tomarmos apenas o caráter de aparência, somos como os animais. É importante lembrarmos que as aparências estão no reino animal, não são construções civilizadas dos homens.

Com isso, subimos os animais para o plano das aparências, no lugar de descermos o homem para o plano do orgânico.

Mantendo a idéia de que a relação ocorre sempre através dos semblantes, resta a questão: como escolher qual deles usar? Qual, já que muitos podem produzir relação e não temos mais o norte paterno, como Manual universal dos semblantes sexuais civilizados? O pai nos ajudava a escolher o semblante correto, o “natural”. Agora, com o pai baqueando, qual seria o bom semblante?

3. Desenganados

Se *só há* aparências, poder-se-ia pensar que *a aparência é tudo*. É a tônica de hoje. O perigo disso se desvela se brincamos um pouco com as palavras. Se a aparência não engana ela faz o quê? Verifiquei que não existe no dicionário⁷ o antônimo de enganar: encontramos desiludir, desmistificar; até mesmo desenganar, ou seja, fora das aparências só um desenganado. O desenganado é o não-tolo de Lacan, aquele que, segundo o título de seu seminário *erra [Les non-dupes errent]*. Nisto funda-se o cinismo pragmático contemporâneo. O problema é que se qualquer coisa vale desde que dê algum lucro ou algum gozo, então como fazer?

⁶ Lacan, J. *D'un discours qui ne serait pas du semblant* (1971). Paris: Seuil, 2006, p. 32 (a tradução das passagens citadas destes seminários é minha).

⁷ Cf. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa.

Há certa tendência a se agarrar a um semblante qualquer de nodo rígido, não exatamente mais aquele que o pai sugere, mas algum, que se vai se tornar minha identidade, meu sintoma ou, como se diz, meu modo de gozo. Trago como ilustração o Orkut, feito de comunidades, que são modos de gozo, tais como: “penso com a geladeira aberta”; “subo degraus de dois em dois”; “meu cabelo me odeia”; “celular de bêbado é uma arma”; “leio rótulo de xampu quando estou tomando banho” e por aí vai. São nomes de comunidades: um jeitão define toda uma aparência que passa a valer como identidade. Sou um daqueles que vai pela vida sabendo-se leitor de rótulo de xampu. A partir desse semblante me encontro e relaciono com os demais, inclusive com o outro sexo. A plasticidade desse sistema vai por conta de que será preciso constituir uma identidade customizada: a lista, continuamente atualizada, das comunidades a que pertença sou eu. Apesar disso, a coisa é bastante rígida porque se abro mão desse semblantes nada mais posso ser. Assim como o esquema do celular será um encontro excessivamente regulado por investir apenas na aparência.

4. Algo mais

Nesse ambiente de enfraquecimento paterno, a única possibilidade para definirmos a boa aparência e a civilização sexual seria o desengano? Em seguida à passagem citada, Lacan define o que seria o propriamente humano.

A única coisa em que o [comportamento sexual humano] se diferencia dela [a aparência no animal] é o fato da aparência [no caso do homem] ser veiculada em um discurso e que neste nível do discurso se chega a algum efeito que não seria da aparência. Isto quer dizer que, em vez da bela *cortesias animal*, acontece aos homens violentar uma mulher, ou vice-versa. Nos limites do discurso, na medida em que ele se esforça por manter a *mesma aparência*, de vez em quando, há real. É o que se chama *passagem ao ato*.⁸

Nesta passagem Lacan articula os semblantes a um gozo que os excede e que aparece como uma espécie de violência. Ele define o comportamento das aparências como *cortesias* deixando clara a inversão que destaquei: o sexo animal é cortês e civilizado porque regido pelas aparências. O humano, no entanto, a cada vez que busca fixar-se apenas nas aparências, acaba levando à irrupção de uma violenta ruptura. Afinal, o semblante não é tudo. Em função do modo que o homem se insere na linguagem, há para ele um gozo extra, desregulado. É isso que nos separa dos animais. Não é por sermos mais civilizados que somos homens, ao contrário, é por sermos excessivos, capazes de uma violência que pode romper com tudo.

É claro que não apenas a violência caracteriza o humano. Quando nos limitamos à seguir os semblantes, sem considerarmos que, tal como no subtítulo de nosso Encontro, há *algo mais*, esse algo surge como violência, ruptura dos semblantes, passagem ao ato. Nesse sentido, o animal só tem um sexo cortês, enquanto que a sexualidade humana está relacionada à irrupção de alguma coisa que rompe com os semblantes.

5. O impossível

De certa maneira, a transformação orkutiana de um modo de gozo em uma identidade é uma defesa contra a violência do gozo. Só que quanto mais eu me identifico fixamente, mais estou no esquema da *cortesias animal* e mais a passagem ao ato virá. Deve haver outra maneira de incluir esse gozo desregulado, esse além, esse algo mais, que não seja como passagem ao ato. Esse é o trabalho do psicanalista. A *cortesias animal* difere da *cortesias humana* apesar das duas mobilizarem semblantes. Enquanto a primeira é uma modelagem fixa, a última é uma montagem artesanal, discursiva, na qual às vezes o impossível acontece: a ruptura dos semblantes. O analista age no ponto em que há essa ruptura.

⁸ Lacan, J. *D'un discours qui ne serait pas du semblant*, op. cit., pp. 32-33. Grifos meus.

Provavelmente, o modo mais clássico de busca de análise ocorra a partir da ruptura de semblantes. Quando uma atitude impensável foi tomada, uma perda se concretizou, algo indizível se articulou, ou uma passagem ao ato se deu, mostrando que os semblantes não se sustentam mais, vamos ao analista para que se diga: “pois é, o impossível aconteceu”. A psicanálise existe justamente porque impossíveis acontecem. O analista pode entrar, então, em cena, para encontrar um lugar para o impossível na ausência do Manual paterno de cortesia.

É possível encontrar um lugar para o impossível dentro da rede discursiva no ambiente onde não há o caminho paterno? Podemos citar aqui apenas o que Lacan indica neste seminário como alternativa, o Japão. O sujeito, tal como se constitui no Japão, apoia-se “em um céu constelado, e não apenas no traço unário, para sua identificação fundamental”⁹. Em vez de nome do pai, um jogo de identificações plurais.

5. Salão de beleza

À cortesia animal, de semblantes fixos, e à cavalheiresca cortesia ocidental, de semblantes organizados em torno do Pai (um semblante de exceção), vem associar-se a inapreensível cortesia oriental. A questão é como pensar um agenciamento estável de aparências? Para não ficarmos obrigatoriamente com o Japão, talvez nossa imagem possa ser aqui a de um salão de beleza. De fato, penso que o sentido da interrogação freudiana acerca da sexualidade feminina é exatamente este: como se orientar sem um Pai? Além do quê, seria impossível abordar o tema das aparências sem ingressar neste campo privilegiado do que Lacan chamou de não-todo. O salão de beleza, ou um *spa* é bem isto, um agenciamento de aparências sem que haja exatamente um ponto central apreensível, localizado, a aparência que passaria por real. Aqui a cortesia masculina dá lugar a um (aparentemente) frenético manuseio de semblantes. Devemos incluir nesta noção de aparência, a versão da maquiagem, da cirurgia plástica, dos implantes de silicone, e outros.

Para nos orientar, Lacan propõe uma imagem que metaforiza a ruptura dos semblantes. Além da passagem ao ato, inscrita no seio da cortesia sexual/animal, ele constrói uma bela imagem para localizar isto sobre o que podemos nos apoiar. Sabemos que Lacan opõe, no *Seminário 18*, à passagem ao ato e aos semblantes fixos a imagem do ravinamento, na planície, da chuva caindo. É uma lição do Seminário que foi redigida para uma revista de Literatura e se chamou “Lituraterra”. O sol brilhando ilumina as áreas por onde escoar a água e o real comparece como o que reluz, ofusca, choca, mas que se encaminha nos ravinamentos invisíveis da planície. O jogo dos semblantes coordena-se a um jogo de marcas invisíveis.

6. Marcas

Buscando uma conexão mais direta com o tema do sintoma, preferi privilegiar outra metáfora, proposta por Lacan em sua conferência sobre o sintoma, em Genebra¹⁰. Ela propõe como imagem que tomemos a linguagem como um banho, uma chuva que atravessa uma peneira – a peneira somos nós – e que nela deixa alguns detritos. Esses detritos são as marcas que, para cada um, definem os possíveis e impossíveis da dança dos semblantes e que Lacan aproxima do sintoma. São as marcas do encontro entre a linguagem e o real do corpo. Só que elas não estão articuladas. A idéia de que seriam detritos, restos na peneira, marca bem que elas não estão redigidas, não formam texto, nada dizem. Isso seria o sintoma.

Então, é possível articular e rearticular esses detritos produzindo textos, produzindo coisas, mas apenas com base na bateria desses restos. Uma análise esvaziaria o saco até chegar nesta peneira, ela iria até estes restos e nos libertaria da idéia de que eles se articulam naturalmente: porque aconteceu comigo tal e tal coisa eu tenho que ser aquilo e aquilo. Não! Aconteceu comigo tal e tal coisa e eu fiquei com estas

⁹ Lacan, J. “Lituraterra” (1971). Em: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 24.

¹⁰ Lacan, J. “Conferência em Genebra sobre o sintoma”. Em: *Opção Lacaniana*, n° 23. São Paulo: Eolia, 1998.

marcas, mas elas em si não definem cenas às quais estou preso, mas apenas as letras de, no máximo, um poema concreto. Com elas textos e mais textos podem ainda ser escritos.

Nosso *savoir faire* com o sintoma seria o *savoir faire* com esse alfabeto básico para uso dos semblantes, um *savoir faire* não com os semblantes, mas com essas marcas. Voltando para o salão de beleza e transpondo essa idéia para o contexto, diremos que ali o que importa é o *savoir faire* não com a maquiagem, mas com as rugas. Caso se vá ao salão para aprender a se virar com as rugas, a coisa funciona do nosso jeito. Busque-se um *savoir faire* com a maquiagem, e chegaremos ao cinismo de hoje, à aderência desesperada à imagem, incluindo seus correlatos de passagem ao ato cirúrgico.

7. Noel

Para completar e não ficar apenas com o lado feminino, gostaria que vocês se referissem a uma conhecida música de Noel Rosa, *Três apitos*¹¹. Conhecemos a história da canção e o drama pode ser resumido da seguinte forma: sua mulher o abandonou porque não quer um boêmio, ela trabalha na fábrica de tecidos enquanto ele, diante do impossível da relação, lamenta sua perda. O impasse está aí e a canção acena com três possibilidades de solução.

A primeira seria tornar-se gerente da fábrica – “você não atende a buzina do meu carro, mas atende ao chamado do gerente”, ele diz – e ganhar um sintoma-identidade, fixo, uma identidade socialmente aceita e desejada pela mulher. Ele ganharia um corpo correto, mas não o gozo, ou, teria o gozo correto, mas um gozo extra viria atrapalhar. Aqui, ronda o perigo da passagem ao ato: ele vai, por exemplo, encher a cara à noite ou outra coisa qualquer. Seu gozo, seu sintoma, como dizemos, não é o que lhe propõe a cortesia animal, social, de gerente de fábrica. Seu sintoma, mesmo que não possa dizê-lo, já o conhece um pouco, não é o de gerente. Ele diz: “meu destino foi traçado no baralho, sou um poeta muito noturno”; portanto, para ele, gozo só à noite.

A segunda opção seria virar guarda noturno. Ele propõe: “vou virar guarda noturno para ficar perto de você”. Essa solução é aparentemente bizarra do ponto de vista da cortesia social, porque o guarda noturno não é exatamente uma identidade, é uma espécie de nomeação que ele criou. O seu sentido próprio não tem conteúdo, não define o que se é ou o que se deve fazer, apenas confere localização como o 34-43-33 de outro samba célebre, que simplesmente marca o escritório dele no bar da outra música. Seguindo essa via, ele teria uma espécie de lugar e um horário fixo que lhe daria a possibilidade de encontrá-la regularmente ao menos duas vezes por dia. Não parece nada bom, era melhor ser gerente, mas é o que é possível com seu sintoma, e evitaria violências as quais se condenaria tornando-se gerente.

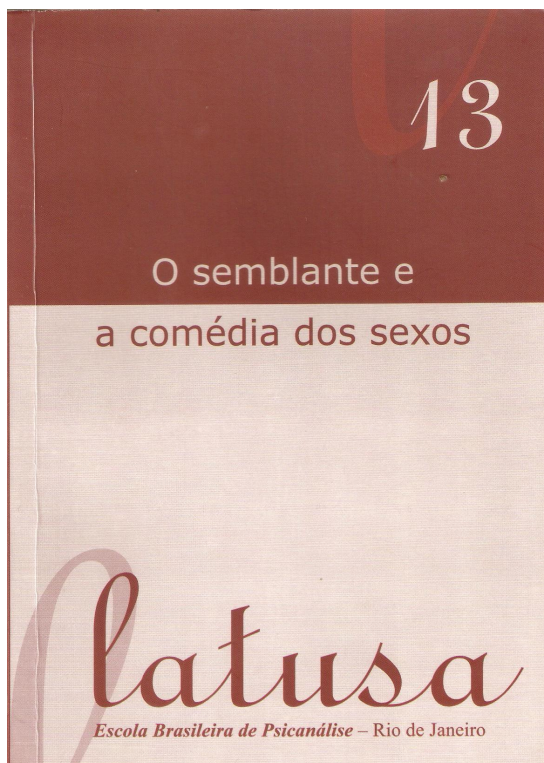
Finalmente, há a possibilidade de um trabalho eternamente recomeçado durante a madrugada. Enquanto ela dorme, ele diz que “faz esses versos para você”. Essa versão, mais sublimatória, não deve ser idealizada, por quê pensar “que ótimo, ele agora vai fazer versos para ela e contribuir para a humanidade com sua arte”. Nada garante que arte seja boa e de todo modo a vida ficará possivelmente pior. No mínimo ele ficou ainda mais longe dela.

¹¹ Quando o apito da fábrica de tecidos / Vem ferir os meus ouvidos / Eu me lembro de você / Mas você anda / Sem dúvida bem zangada / Ou está interessada / Em fingir que não me vê / Você que atende ao apito / De uma chaminé de barro / Por que não atende ao grito tão aflito / Da buzina do meu carro? / Você no inverno / Sem meias volta ao trabalho / Não faz fé com agasalho / Nem no frio você crê / Mas você é mesmo / Artigo que não se imita / Quando a fábrica apita / Faz reclame de você / Nos meus olhos você vê / Como sofro cruelmente / Com ciúmes do gerente impertinente / Que dá ordens a você / Sou do sereno / Poeta muito noturno / Vou virar guarda noturno / E você sabe porque / Mas você não sabe / Que enquanto você faz piano / Faço junto do piano / Estes versos prá você.

Então, três soluções, cada uma feliz a seu modo. A felicidade do sintoma poderia ser qualquer uma das três, mas, se levarmos a sério a teoria dos nós, não será nenhuma das três em si. Terá algo do imaginário da identidade, do simbólico de um nome vazio, e do real de um fazer. Não haverá, porém, nem progressão, nem hierarquia entre eles, mas apenas o tecer de um fio a mais, quarto elo que os entrelaça e articula *dando o tom*.

Que no esforço de imaginarização que proponho aqui, me seja permitido, para materializar este quarto fio, bulir com o monstro sagrado Noel Rosa. A marca-objeto que interessaria ao analista de Noel, se ele precisasse de um, não seria tanto o estrago que um fórceps fez em seu queixo. Com a deformidade que o Outro, de um jeito ou de outro, sempre imprime em nós, pouco podemos fazer além da revolta inútil e do conformismo. Não! O importante é que no traço dessa marca pode aninhar-se o real de um gozo com o qual há muito a fazer. É o que vem se alojar na garganta de Noel como voz, uma voz singular, entre rouca e estridente, quase feminina, que nos chega do século passado. Marca na carne, ela se torna marca-registrada, estilo que marca. Essa voz talvez fosse mais próxima do que chamamos de sintoma; é isso que me interessa no que faz Noel quando cria essa canção, dá lugar à sua voz.

Vocês nunca ouviram a voz dele? Apurem os ouvidos e ouçam de novo o samba. Ela sempre esteve ali, quem quer que seja o cantor. Uivo do apito, ela atravessa toda a música, dá pano pra manga e vem assentar-se, macia, no batucar do piano.



SUMÁRIO

artigos

- 11 O amor nosso de cada dia
Heloisa Caldas
- 19 Aparências
Marcus André Vieira
- 31 O semblante permite a parceria
Romildo do Rêgo Barros
- 37 A trama de *O avesso da psicanálise*
Antoni Vicens
- 57 O cômico no falo
Elisa Alvarenga
- 67 Recuperar o semblante
Maria do Rosário do Rêgo Barros
- 75 Luto e semblante
Sandra Viola
- 85 Sobre o sexo e os limites do semblante
Márcia Zucchi
- 95 *Marx não sem* Lacan
Rose-Paule Vinciguerra
- 107 Seja feliz! A comédia do discurso da ciência
Lenita Bentes
- 113 Prato feito, *à la carte* ou outras possibilidades?
Patricia Badari

expediente

Editora

Maria Angela Maia

Secretária de edição

Vanda Assumpção Almeida

Conselho Editorial

Elza Marques Lisboa de Freitas

Fernando Coutinho

Lenita Bentes

Maria Elisa Delecave Monteiro

Maria do Rosário do Rêgo Barros

Manoel Barros da Motta

Comissão de publicação

Angela Bernardes

Cláudia Henschel de Lima

Cristina Duba

Maria Elisa Delecave Monteiro

Elza Marques Lisboa de Freitas

Heloisa Caldas

Inês Autran Dourado Barbosa

Nelisa Araújo Guimarães

Romildo do Rêgo Barros

Capa

Paula Delecave

ISSN

1415-6830

Visite o site de Latusa

www.latusa.com.br

Nossos agradecimentos a:

Márcia Mello de Lima

Vera Avellar Ribeiro

2008

O conteúdo dos artigos é de exclusiva responsabilidade dos autores

Todos os direitos reservados a:

Escola Brasileira de Psicanálise – Rio de Janeiro

<ebprio@terra.com.br>

Rua Capistrano de Abreu, 14 – Borafogo

CEP 22271-000 – Rio de Janeiro – Brasil

Tel / Fax (55 21) 2539.0960